



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

CIÊNCIA E POESIA

A ciência aplicada e a ciência fundamental são duas formas de encarar a ciência e que se completam entre si. Embora quase sempre a ciência aplicada seja tida como mais relevante.

Muito se tem debatido sobre se as universidades e os laboratórios científicos devem dedicar-se maioritariamente à ciência aplicada em detrimento da chamada ciência básica (ou fundamental), onde a aplicabilidade tecnológica não é garantida nem direcionada para áreas específicas. A ciência aplicada procura resolver questões prementes em áreas de relevância económica ou social (telecomunicações, saúde, transportes, armamento, etc), enquanto a ciência pura tende a ser guiada por mera curiosidade e o desejo de aumentar o conhecimento humano, mesmo que este não represente um ganho material imediato. Algumas questões associadas a este domínio podem ser vistas como meramente teóricas ou inconsequentes – Como começou o universo? Qual é a natureza do tempo? O que é a consciência? E são muitas vezes criticadas por produzirem teorias abstratas e inconsequentes.

A evolução da prática científica e a forma como esta é financiada têm levado as instituições a favorecer as áreas mais tecnológicas, já que estas resultam num maior número de patentes e publicações com impacto e num maior investimento por parte das empresas privadas. *“It’s the economy, stupid”* como foi tantas vezes repetido pela campanha de Bill Clinton em 1992. Porém... será do

nosso interesse, enquanto espécie, abdicar das perguntas fundamentais ou reservar-lhes um espaço residual nas universidades públicas? Tentemos uma resposta.

Há dois argumentos a favor da ciência básica: O primeiro é que muitos dos avanços tecnológicos mais significativos foram um produto secundário da tentativa de responder às grandes questões. Basta-nos pensar nos primeiros instrumentos óticos usados por astrólogos e filósofos, na química que nasceu da busca pela pedra filosofal ou, mais recentemente, nos avanços promovidos pelos programas espaciais ou que surgiram no CERN enquanto se procuravam as partículas elementares.

O segundo argumento, que me parece o mais forte, é que a nossa natureza enquanto seres humanos nos leva a querer respostas e a persegui-las pelo simples prazer de saber mais. A ciência fundamental aproxima-se da poesia, ambas são ferramentas do intelecto, expressões máximas da humanidade, de seres pensantes que se definem num confronto contínuo com o mistério. À pergunta “porque é que havemos de fazer ciência fundamental?” podemos responder simplesmente “porque somos uma espécie de poetas”.